

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memorian*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Reflexões sobre a pintura alagoana em trânsito na "Geração 80"

Ana Beatriz Bezerra de Melo, Universidade Federal da Bahia/

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0407-765X>

e-mail: anabeatriz.melo89@gmail.com

Resumo

Este estudo aborda parte do que constrói a trama narrativa da 'Geração 80' no Brasil, tendo como elementos para reflexão a participação de artistas alagoanos na reconhecida exposição *Como vai você, Geração 80?*, ocorrida em 1984 na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Nesta pesquisa, em fase inicial, perpassamos por discursos teóricos como Belting (2012) e Danto (2006), e pela crítica artística da década com textos de Roberto Pontual, Agnaldo Farias e Frederico Moraes. Os conceitos de representação e apropriação na arte, apontam possibilidades de inferências e os aspectos políticos o qual perpassam as imagens. O fato de existirem obras em trânsito fora do denominado grande eixo das artes no Brasil, apresenta mais um "nó" em um espaço fértil de discussões no campo artístico-cultural, em um exercício proposto em conjunto com as imagens.

Palavras-chave: Pintura Alagoana. Geração 80. Crítica de Arte. Teoria da arte. Aspectos políticos.

Abstract

This study addresses part of what builds the narrative plot of the 'Generation 80' in Brazil, having as elements for reflection the participation of artists from Alagoas in the renowned exhibition *Como vai você, Geração 80?* in 1984 at the Escola de Artes Visuais do Parque Lage, in Rio de Janeiro. In this research, at an early stage, we go through theoretical discourses such as Belting (2012) and Danto (2006), and the artistic criticism of the decade with texts by Roberto Pontual, Agnaldo Farias and Frederico Moraes. The concepts of representation and appropriation in art, point out possibilities of inferences and the political aspects that permeate the images. The fact that there are works in transit outside the so-called great axis of the arts in Brazil, presents another "node" in a fertile space of discussions in the artistic-cultural field, in an exercise proposed together with images.

Keywords: Alagoana Painting. Generation 80. Art Criticism. Art Theory. Political Aspects.

Introdução

A 'Geração 80' brasileira dissipou-se por diferentes territórios não como uma corrente artística a ser seguida, mas como uma expressão notável de possibilidades e desdobramentos no campo das artes devido ao momento ser propício quanto ao conhecimento interdisciplinar desde meados de 1978, quando os então jovens estavam sedentos por novos conhecimentos, consumindo desde informações culturais a subsídios teóricos dos mais diversos campos de conhecimento, conforme (FARIAS, 2009). Esperava-se dessa juventude o resplandecer do "novo" perante aos antigos dogmas e atitudes pré-estabelecidas pelo pensamento conservador e pelas diretrizes do próprio campo artístico. Partimos nessa breve reflexão da renomada exposição *Como vai você, Geração 80?*, ocorrida em 1984 no Parque Lage, Rio de Janeiro e da presença da pintura alagoana nesse evento.

Nosso objetivo aqui é abordar os "nós" que acompanham a trama temporal para expandir o pensamento sobre esse cenário. Na seção *Anos 80 nas artes visuais: das ideias de um revival e zeitgeist* abordamos alguns nomes que fizeram parte da crítica de arte na época para entender o contexto em que a arte ficou marcada pelo retorno da pintura e pelo "espírito da época" vigente. Em *Representações e apropriações nas questões sobre a identidade* procuramos abordar as referências teóricas, os embates sobre representação e apropriação, pois eram questionados os ideais de tais artes, sua funcionalidade e havia uma tentativa de classificação das produções realizadas, tais como as nomenclaturas encontradas durante o Modernismo. Por fim, em *Emoções no calor da hora: o sentir como expressão política* iniciamos uma reflexão sobre o caráter político existente nas obras, mas ressaltando também as atitudes significativas no ato da festa ocorrida no Parque Lage.

Consideramos a discussão relevante por conter elementos desencadeadores nas expressões contemporâneas da arte. Os debates instaurados pretendiam entender o fenômeno da geração. Nesse momento os debates estavam mais enfatizados no âmbito discursivo, então propomos o pensar e discutir a partir das imagens, trazendo aqui um recorte de algumas pinturas realizadas por alagoanos e expostas na Escola de Arte Visuais do Parque Lage, como também, um recorte de algumas cenas do registro feito no dia da abertura da exposição mencionada. É nesse pensamento teórico circundante nos anos de 1980, com a pesquisa em desenvolvimento, que despertamos para os embates gerados pela presença de uma produção nordestina nos trânsitos artísticos do Brasil globalizado.

Anos 80 nas artes visuais: das ideias de um *revival* e *zeitgeist*



Figuras 0 e 1.

Abertura da exposição *Como vai você, Geração 80?*

e Visitação da exposição *Como vai você, Geração 80?*, 1984.

Fonte. Catálogo da exposição *Onde está você, Geração 80?*, (COSTA, 2004) e Acervo Memória Lage.

A 'Geração 80' brasileira é composta por artistas originários de diferentes lugares do país, característica mencionada por Pontual ([s.d.]) ao citar artistas fora do reconhecido eixo das grandes cidades, a partir disso, reverberam diferenças e vivências sobre o constituinte das referências culturais. Sobre a produção artística na época, cujo expoente foi a exposição *Como vai você, Geração 80?* Ocorrida em 1984, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro (Ver Figuras 0 e 1), houveram nos textos da crítica de arte discursos incluindo e enfatizando os termos *revival*, em referência ao retorno da pintura no circuito das artes e a repercussão sobre o espírito de uma época, cujo termo alemão *zeitgeist* era utilizado.

Foi identificado por Reinaldim (2012) diferentes posicionamentos sobre tais termos. O pesquisador apresentou alguns dos nomes mais atuantes nesse panorama artístico brasileiro, assim para o crítico Frederico Moraes a pintura estava passando por uma redescoberta, e não retomada, uma vez que nunca deixou de ser produzida. Ele abordou a sua experiência pessoal, as manifestações artísticas e sinalizou os principais debates internacionais. A partir da sua experiência pessoal, apresentou as manifestações artísticas e sinalizou o termo *Transvanguarda* cunhado pelo italiano Achille Bonito Oliva em 1979, usado por considerar na apresentação das artes, o percurso da História da Arte e seus estilos transversalmente, somando vanguardas e neovanguardas.

Já o crítico Roberto Pontual possui um viés psicanalítico e vinculado à condição política brasileira, uma vez que a produção artística é realizada em um momento de redemocratização, e exalta: “nossa anistia veio depois da anistia. Agora que já não há mais porque falar em exílios, explode, explode mesmo, geração!” como registrado em seu livro lançado na abertura da exposição já mencionada, depois de um período afastado do Brasil (PONTUAL, [s.d.], p. 16). O autor destaca a dissolução da linearidade histórica para debruçar-se em um conjunto de referências e reflexões das obras e artistas vinculados à galeria Thomas Cohn, apoiadora da publicação. Chiarelli (2010), escreveu uma resenha dessa obra considerando a possibilidade de ser entendido como uma espécie de manifesto disfarçado de texto analítico, isso porque considera Pontual enfático em posicionar os artistas da geração como guardiões do conceito de brasilidade e do seu constituinte nas artes visuais.

Cocchiarale (2004 In: Canongia ([s.d.]) considera o ato de voltar à pintura não somente uma escolha individual, mas uma alternativa para devolver à arte ao mercado, após os experimentalismos que, junto à crise pós-ascensão do Abstracionismo, deixaram esse suporte à deriva. Entretanto, para Reinaldim (2012) esse debate da arte como *medium* na busca pela identificação do espírito de uma época, o *zeitgeist*, nos conduz às reorientações sobre os problemas de legitimação das artes, fator novamente evidenciado no processo de reconstrução entre a tríade: ateliê, galeria e coleção. Esse fato interfere até os dias atuais sobre os processos no campo das artes, pois

[...] o sistema da arte surgiu como um mecanismo de dominação, na medida em que seus integrantes impuseram ao conjunto da sociedade padrões que eram de uma minoria; no caso do mundo colonial, essa imposição ocorreu por parte dos colonizadores sobre os povos colonizados. Ao apresentar os seus critérios particulares como definidores dos produtos e práticas a serem considerados artísticos, dando a estes um *status superior* às demais produções plásticas, designadas artesanato ou artes menores (BULHÕES, 2014, p. 19).

Já Agnaldo Farias chamou atenção para o cuidado necessário na hora de vincular a cena artística com um desdobramento da situação político-social de modo simplista, pelo fato de encontrarmos textos destacando as artes como sendo do tempo da redemocratização política, pois o fim do momento histórico marcante tal como foi o golpe militar no Brasil, não significou uma ruptura drástica na situação do país. Isso reverbera no que Frederico Moraes descreve sobre a pintura da geração na exposição *Entre a Mancha e a Figura*, realizada em 1982, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ele defende a produção da pintura:

[...] uma pintura à flor da pele – ou da tela. Uma pintura que não foge à circunstância – seja esta o quadro, o momento político ou a história da arte. A pintura como tema, mas, também como eros. [...] Porque o fato mais significativo é este: trata-se de um momento de plenitude da pintura. Porque a pintura aí está, revelando prazer e

também angústia, alegria e também tensão, anunciando os novos tempos e também apocalipse, colocando-se como cor ou gesto gráfico, como mancha ou figura ou as duas coisas, simultaneamente, mas, em qualquer dessas situações, caracterizando-se como uma entrega total ao ato de pintar Morais apud (FARIAS, 2009, p. 27).

Aos jovens artistas, era esperada a revitalização humana e, ao mesmo tempo, novos e inovadores passos na História da Arte, quase como um medo de parecer preso ao passado e todas as suas doutrinas. Nesse período da redemocratização, tivemos diferentes exposições com a proposta de apresentar produções artísticas de diferentes territórios, como foi o caso da 18ª Bienal Internacional de São Paulo, mais conhecida como *A Grande Tela*, com a curadoria da crítica e jornalista Sheila Leiner. Reinaldim (2008), destaca a linguagem dessa exposição em dois principais núcleos: histórico e contemporâneo, sendo a pintura a expressão mais abordada.

Na construção dessa cena encontramos elementos condicionantes para as definições relevantes propostas pela crítica artística. Como tentativas de caracterizar a geração e suas obras, Pontual ([s.d.]) afirma estar presente nas imagens da 'Geração 80' a cultura dita popular passada pelo "filtro erudito". As regiões Norte e Nordeste aparecem como as responsáveis por aquilo que aborda as distinções plásticas nesses trânsitos entre as artes no Brasil. Sendo em 1962 e 1964 o período chamado por ele de "arte popular revolucionária" quando propõe que o Rio de Janeiro e o Nordeste comandavam o campo. Zilio (1976) em *A querela do Brasil*, defendia que a busca pela identidade brasileira era o sentido de validação das artes no país, uma vez que na perspectiva cultural, permanecia vindo de países desenvolvidos. No entanto, questionamos essa visão ao refletirmos sobre como esses valores são postulados e difundidos, e sobretudo, como essas imagens foram apresentadas para sua formatação nos moldes da globalização, com as fronteiras parecendo se difundir, sendo essa profusão presente nas imagens.

Representações e apropriações nas questões sobre a identidade

Quando a História da Arte na percepção de Belting (2012) chega ao fim, o artista concebe trabalhos autônomos, sem modelos prévios para a sua validação. Temos uma visão dicotômica entre a cultura da elite e a cultura de massa em distintos processos para o seu reconhecimento e apontando para disputas referentes aos seus campos simbólicos. A expressão do artista passa por diferentes instâncias da sua vivência e por isso, não pode ser agregada a uma identidade coletiva, logo, há uma transição entre o ato de representar para apropriar-se. Entende-se a proposta de representação como parte das imposições por dominação, uma vez que a arte faz parte do entendimento cultural da sociedade.

Danto (2006) reconhece o encerramento do Modernismo quando é dada a nomeação de Pós-modernismo para designar a ruptura das expressões artísticas. Ao artista são apresentadas possibilidades de apropriar-se das produções sem a cobrança pela originalidade. As artes não passam por obrigatoriedades como, por exemplo, a visualidade, elas ressaltam aspectos filosóficos, sendo predominante as discussões sobre o sentir. O autor ainda, nesse texto escrito um ano após a publicação do original alemão de Hans Belting, em 1984, reconhece o encerramento do Modernismo quando é dada a nomeação de Pós-modernismo para designar a ruptura das vanguardas e estilismos artísticos. Segundo o autor, as produções artísticas passam a nos convidar a questionar, provocando tensões em aspectos intelectuais, distante das manifestações destinadas às satisfações presente nas criações com aspectos genuínos e verdadeiros da representação antes veneradas, como argumentou Hans Belting sobre as artes de até (aproximadamente) 1400 d.C.

Essa problemática conceitual também está presente em Midlej (2017) quando estuda as apropriações existentes nas artes visuais do Brasil e na Bahia. O autor considera apropriação a postura crítica a qual se refere à imagem, distinguindo de um simples retorno ao tempo passado, por isso, as investigações sobre as imagens na contemporaneidade são pensadas através das interdisciplinaridades na construção de memória, porque são postas como um recurso interpretativo. O processo de leitura para interpretação e juízo faz da imagem algo vivo e presente através da apreensão do sensível, ponto esse salientado na nossa discussão mais adiante quando associamos às emoções presentes na circulação das imagens e atitudes artísticas presentes na referida geração, partindo da exposição ocorrida no Parque Lage, como um posicionamento político.

Abordamos sobre tal aspecto porque na exposição ocorrida no Parque Lage (RJ) há uma explosão de imagens e referências reconhecidas como brasilidades, por simbolismos iconográficos. Como nas imagens a seguir.



Figura 2 e 3.

Obra do artista Deslon Uchôa, *A Festa no céu*, 1984.

Obra do artista Carlos Fiúza, *sem título*, 1984.

Acrílico sobre lona. Fonte: Imagens cedidas pelos artistas.

Compreendemos as formas como as possibilidades de serem construídas por pensamentos e relações intrínsecas correspondentes a um fragmento temporal, quando pensado na sua concepção por meio das artes visuais, apresentadas aqui nas pinturas figurativas dos alagoanos. Diante das imagens, como acentua Didi-Huberman (2013) temos uma história persistente, pois, elas recuperam a memória para renascer. Incorporamos esse renascimento ao fazer artístico da geração por desbravar caminhos entre a apropriação e a representação através das imagens e assim, submergir as emoções de um momento.

Veras (2015) considera que toda arte é política, entretanto, alguns trabalhos conseguem reverberar e reafirmar de maneira mais evidente sua identidade cultural ora esquecida ou intencionalmente apagada, diante de controles ideológicos. Observamos nas obras exibidas produções com elementos universais e regionais, com uma paleta de cores que faz menção ao Nordeste brasileiro. Esse é um olhar preliminar, embora compreendamos a relevância dos embates hegemônicos na arte, dado a essas produções exibidas na renomada exposição do Rio de Janeiro, mas queremos explorar também aqui, as tramas que compõem essa cena artística e transmuta narrativas possíveis para esse recorte na História da Arte brasileira, como a expansão dos sentimentos e emoções pulsantes como algo inerente ao ser, mas também, um ato político capaz de marcar o evento de modo simbólico.

Emoções no calor da hora: o sentir como expressão política

Sheila Leiner apud (FARIAS, 2009) nomeia a Bienal de 1985, conhecida como *A Grande Tela*, como um espetáculo próximo ao que foi apresentado pela Escola de Artes Visuais no Parque Lage, pois nesse momento a arte exigia um modo de apresentação distinto como um espetáculo, sem a carga negativa do termo argumentado por Guy Debord, na obra *Sociedade do Espetáculo*, ao se preocupar com a difusão da cultura de massa como elemento de alienação social. Argan (2014) defende a arte como combate desse processo quando esta se propaga por diferentes espaços. Como expressão, o termo foi considerado um atributo posicionado contra à rigidez a qual perpassavam as produções da década de sessenta e as exigências atribuídas pelos espaços institucionalizados para o seu desenvolvimento.

Na exposição *Como vai você, Geração 80?* há uma explosão de imagens e referências reconhecidas como brasilidades, através de simbolismos iconográficos e uma necessidade de expressar as emoções presentes no momento e registrar tudo aquilo do vivido no "calor da hora", tendo sido realizado, um registro em vídeo da abertura da exposição presente no arquivo da escola (ver Figura 3). Destacamos aqui nessa seção alguns recortes observados como notáveis para a compreensão da relevância desse evento, termo usado no texto de abertura da Revista Módulo sobre a exposição, devido ao sentimento festivo predominante no espaço. Havia diferentes manifestações acontecendo: roda de capoeira, performance em que uma mulher tinha os seus cabelos sendo cortados em meio ao público, pessoas na parte superior do palacete jogavam aviões coloridos de papel transformados em uma cobertura para a piscina da escola, pessoas transitando entre todos os lugares (porque a arte estava em todos eles) e tantas outras ações que a câmera pode não ter sido capaz de registrar.



Figura 3.

Recortes de cenas do registro em vídeo da exposição *Como vai você, Geração 80?* (1984)
Fonte: Acervo Memória Lage

No vídeo há um certo ar cômico por parte do apresentador abordando pessoas e questionando sobre a 'Geração 80'. Ele faz referência as roupas usadas por uma mulher visitante apontando para os componentes do seu estilo e dizendo que "é muito Geração 80", com risadas e gestos expansivos. Esses aspectos nos confirmam não uma tentativa de leitura de simbolismos característicos de uma arte como "espírito da época", mas uma atitude e temporalidade constituída por tramas capazes de desencadear diferentes tensões sobre as antigas designações.

O destaque dado ao caráter festivo da exposição ocorre devido à contraposição feita ao perfil sério e conceitualizado das artes na década de setenta, ainda sob uma forte crítica sobre os processos nos espaços institucionais da arte, ainda com resquícios do que Pontual (2013) aborda sobre o debate nacionalista iniciado na década de 1950 quando é discutido o nacionalismo e as especificidades do projeto brasileiro. Há uma busca pela ruptura de tais parâmetros para incluir a participação do público nas obras, provocar questionamentos sobras as ações políticas, exercer a liberdade de expressão, dentre outros aspectos antes desvinculados do fazer artístico.

A exposição realizada no Parque Lage destaca-se pela convocação feita ao público para sentir a emoção, a alegria e a euforia que tomavam conta do espaço. Didi-Huberman (2016) nos lembra o quanto os sentimentos podem desencadear transformações quando são monções - movimentações - para passar de um estado a outro, fazendo do pensamento uma ação. O teórico afirma ainda não ser possível fazer política desqualificando as emoções, pois estas são também aspectos culturais pré-determinados ou moldados pelos poderes públicos. Relativo a isso, encontramos

em 1985 uma fala do artista cearense Leonilson, em entrevista para a revista *Arte em São Paulo* dizendo que a geração anterior a sua, no caso dos anos setenta, tinha um engajamento político obrigatório porque viviam sob um governo ditatorial, e afirma: "Nossa geração tem que cuidar para não machucar a próxima que está vindo. E a gente não pode machucar mais eles do que a gente foi machucado por uma geração mais reprimida que veio antes, então nossa geração vai joia..." (FARIAS, 2009, p. 47).

Observemos nessa fala a entrega do seu teor emocional. Temos um ressentimento mesclado com a felicidade momentânea, mas nos propõe a refletir quanto aos gestos apresentados no período da exposição. Vimos no recorte apresentado anteriormente através do vídeo existente que a imagem pode ser considerada uma forma a ser investigada, tal como os fósseis em movimento, abordado em (DIDI-HUBERMAN, 2016). A demonstração da força das emoções de modo coletivo está presente no catálogo da exposição *Levantes*, o qual Didi-Huberman (2017) apresenta a construção de uma possível antropologia política presente nas representações imagéticas dos movimentos de luta com agitações, rebeliões, tumultos e, etc. Quando já não se suporta o peso dos tempos sombrios e a emoção se catalisa em força de combate.

Tais reflexões sobre as imagens nos colocam a refletir sobre a afirmação da arte sempre possuir seu viés político como motor. E isso não seria distinto nas produções e ações dos artistas na 'Geração 80'. Entendemos o evento no Parque Lage (RJ), em 1984, como uma manifestação política carregada de expressão e informação. Ao apresentar-se com aquela exploração de formas e cores, a arte provocou mutações no tempo e desafiou os lugares, em uma disputa pelos sentidos, como abordado por (RANCIÈRE, 2005). O sensível, um dos atributos da arte, foi corporificado e partilhado entre indivíduos de diferentes grupos e territórios que sempre estiveram em conflito com os lugares e sistemas das artes vigentes na época. A presença dos artistas alagoanos foi apresentada nesse escrito como um dos nós componentes da trama constituinte nessa narrativa temporal, nesses trânsitos significativos para aquilo que foi posteriormente denominado como Arte Contemporânea. Tivemos nesse ponto da história um burilar entre o popular e o erudito, o nacional e o regional, dicotomias que perpassam as questões hegemônicas, as relações sociológicas nas artes, seu sistema e a semântica presente nas imagens.

Considerações Finais

Consideramos a dita 'Geração 80' um grupo de artistas que passaram por diversos trânsitos por acompanharem distintas revoluções no campo informacional. Isso provocou diferentes relações e mudanças no sistema das artes que nesse momento ganhava

diferentes nuances no seu processo. As pinturas dos artistas alagoanos apresentadas aqui fazem parte da trama que vem sendo construída nesse estudo, considerando os embates políticos no campo das artes através do seu sistema e dos seus gestos constituintes. A geração foi dissipada diferentes locais do país, incluindo Maceió, cidade que recebeu uma amostra de artistas da geração, sob os mesmos moldes – inclusive a mesma nomenclatura – da exposição ocorrida no Parque Lage do Rio de Janeiro. Temos, portanto, um conjunto de elementos possíveis de serem estudados por meio das imagens e os modos como se constroem suas apropriações mediante as questões culturais e engajamento. Esse tema será mais aprofundado em pesquisas futuras.

Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. A crise do Design. In: *História da Arte como história da cidade*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BELTING, Hans. *O fim da história da arte*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BULHÕES, Maria Amélia. O sistema da arte mais além de sua simples prática. In: BULHÕES, Maria Amélia. et al.[Org.]. *As novas regras do jogo: o sistema de arte no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2014. p. 15–43.
- Cocchiarale, Fernando. A volta da pintura na era das exposições. In: CANONGIA, Ligia. (Org.). *Anos 80: Embates de uma geração*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d.].
- COMO VAI VOCÊ, GERAÇÃO 80?. Apresentação Hilton Barreto. Rio de Janeiro: Estudio Line, 1984. Arquivo MP4. Acervo Memória Lage. (20min 11s)
- COSTA, Marcus de Lontra. *Onde está você, Geração 80?* Rio de Janeiro: CCBB, 2004.
- CHIARELLI, Tadeu. Uma resenha, mesmo que tardia: Roberto Pontual e a sobrevivência da questão da identidade nacional na arte brasileira dos anos 1980. *Revista ARS*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 92–103, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/3086> Acesso em: 24. dez. 2022.
- DANTO, Arthur. *Após o fim da arte*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O peso dos tempos*. In: Catálogo da exposição Levantes. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017. p. 33–45.

FARIAS, Agnaldo. *Anos 80/90 um retrato em 3x4 a cores*. In: Catálogo 80/90 modernos, pós-modernos, etc. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009.

MIDDLEJ, Dilson Rodrigues. *Apropriação de imagens nas artes visuais no Brasil e na Bahia*. 2017. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

PONTUAL, Roberto. Debates da cultura contemporânea. Artes plásticas. In: *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013. p. 355–370.

PONTUAL, Roberto. *Explode Geração!* Rio de Janeiro: Avenir, [s.d.].

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: ed. 34, 2005.

REINALDIM, Ivair Junior. *A Grande Tela: curadoria e discurso crítico da pintura na década de 1980*. In: SEMINÁRIO. 2º, 2008, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Anais [...] Seminário de Pesquisadores do PPGartes, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/5422468/A_Grande_Tela_curadoria_e_discurso_cr%C3%ADtico_da_pintura_na_d%C3%A9cada_de_1980 Acesso em 18. maio. 2022.

REINALDIM, Ivair Junior. *Arte e crítica de arte na década de 1980: vínculos possíveis entre o debate teórico internacional e os discursos críticos no Brasil*. 2012. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

VERAS, Carlosnaik. *Política da arte e poéticas de resistência na obra de Efrain Almeida*. In: ENCONTRO REGIONAL. 1º, 4 a 7 de agosto de 2015, Arte e Política, 4 ago. 2015. UFPB/UFPE. Anais [...] Encontro Regional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. Recife: Editora da UFPE, 2015. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/224> Acesso em: 18. jan. 2023.

ZILIO, Carlos. A querela do Brasil. *Revista Malasartes*, Rio de Janeiro, 1976. p. 8–10. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/en/item/1074928#?c=&m=&s=&cv=&xywh=-1116%2C0%2C3930%2C2199> Acesso em: 18. maio. 2022.

Como citar:

MELO, Ana Beatriz Bezerra de. Reflexões sobre a pintura alagoana em trânsito na “Geração 80”. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p.786-797, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719. DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.062> Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>